



Globo Filmes, Cinema Norte-americano e a Construção de Retratos Nacionais¹

Caio Neves de CASTRO²

Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O presente texto pretende analisar, ainda que brevemente, os pilares que sustentam o cinema norte-americano hegemônico³, do ponto de vista estético e ideológico. Nesse contexto, abordaremos os possíveis paralelos entre a recente produção carimbada pela Globo Filmes e o modelo cinematográfico em questão. Assim, avaliaremos até que ponto as obras patrocinadas pela empresa brasileira influenciam na construção de um imaginário de Brasil, repleto de referências estrangeiras.

Palavras-chave: Cinema norte-americano; Globo Filmes; imaginário.

Globo Filmes, Cinema Norte-americano e a Construção de Retratos Nacionais

Reconhecemos como lugar comum, que a maioria dos brasileiros frequenta as salas de cinema, em geral, a procura de entretenimento. Assim, enquanto espectadores, acostumamo-nos com obras audiovisuais de fácil assimilação, moldadas pela linguagem cristalizada do cinema hegemônico "hollywoodiano". O que se observa, é que vivemos em uma sociedade influenciada pelo "espetáculo", onde a aparência se sobrepõe à essência, resultando em uma aceitação, muitas vezes, passiva do que se assimila seja no cinema ou em outras fontes de informação e cultura:

“Considerando em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é apresentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos – o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre dessa escolha. Forma e conteúdo do espetáculo são, de modo idêntico a justificativa total das condições e dos fins do sistema existente.”

(DEBORD, 1992, p. 14-15)

1. Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

2. Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Cinema e Audiovisual do IACS-UFF, email: caionevescastro@gmail.com

3. Tomando como referência o conceito de hegemonia apresentado no **Dicionário de Política** (Bobbio; Matteucci; Pasquino)



As imagens produzidas nesse contexto massivo, além de serem repetitivas e estereotipadas (não indo de forma densa aos temas retratados), são destinadas a uma sensibilidade coletiva. Tentam tornar específicos alguns temas e conflitos gerais, escolhidos por quem gerencia e detêm o controle dos veículos midiáticos. Isso pode ser visto com frequência na trama das novelas da Rede Globo, onde as narrativas transitam, quase sempre, com foco na classe média dos grandes centros urbanos (destacadamente o eixo Rio - São Paulo), projetando para o âmbito nacional os conflitos e anseios dessa classe social.

Além disso, elas buscam uma comunicação direta com o público. Orientando-se por maciços investimentos em pesquisas de mercado, tendo em vista atender com exatidão aos anseios do espectador. Portanto, a produção audiovisual termina por reduzir as individualidades, impondo padrões através de conteúdos genéricos que corroboram na criação de consensos. Além de contribuírem para a produção de concepções que, repetidas exaustivamente, acabam legitimadas. De acordo com Ramonet:

“No sistema atual, quase não são incentivadas as obras cinematográficas mais originais ou mais pessoais. Em compensação, os novos gigantes da mídia estimulam a sensibilidade medíocre que continua apegada a valores tradicionais (éticos, morais, narrativos, retóricos, romanescos, dramaturgicos) indiscutidos, e repetem ao infinito o que é admitido por todos, sem resistência.”
(RAMONET, 2002, p. 10)

Outro ponto a ser observado é que essa produção voltada a um grande público sofre influência marcante da publicidade. Seja na divulgação de um produto ou de um modelo de vida, de forma explícita ou implícita, ou até mesmo na própria linguagem visual/estética utilizada. Essa linguagem se pauta na utilização de planos curtíssimos, que além de reduzirem o tempo das ações e buscarem uma dinamicidade excessiva, forçam o espectador a não tirar os olhos da tela, pois um segundo que se perca acaba resultando em perda de informação. Outro recurso utilizado é o exagero musical, onde a música é colocada excessivamente e com a finalidade de atenuar emoções e aumentar o envolvimento do espectador com aquilo que se vê. Acrescentamos a tal reflexão, o fato de que filmes de caráter, majoritariamente, comercial utilizam suas tramas ficcionais como mero suporte, propagando de forma mais amena, mensagens comerciais e ideológicas.



Partindo desse princípio, não podemos deixar de comentar a influência cultural norte-americana sobre os países latino-americanos. Os Estados Unidos garantiram sua soberania nos setores bélico, diplomático e científico sem que houvesse grande resistência, sendo um dos artifícios o controle sobre a produção cultural. Desde a infância, os indivíduos são "seduzidos" com produtos norte-americanos, naturalizando o contato com suas referências estético-culturais.

Um dos aspectos que colaboram com a grande propagação desses produtos culturais foi sua universalização, sobretudo pela publicidade, impondo os padrões norte-americanos através da música, filmes, *fast-foods*, *shopping-centers*, etc. Ignácio Ramonet alerta para essa dominação:

“A americanização de nossos espíritos é tão avançada que denunciá-la parece a algumas pessoas cada vez mais inaceitável. Para renunciar a ela, deveríamos estar prontos a amputar-nos de um grande número de práticas culturais (de vestuário, esportivas, lúdicas, de distração, de linguagem, de alimentação) às quais nos entregamos desde a infância e que já fazem parte de nós.”

(RAMONET, 2002, p. 13)

No caso específico da Rede Globo de televisão, fundada durante o regime militar com o apoio financeiro do grupo norte-americano *Time-Life*, a relação de proximidade da emissora com os interesses político-econômicos do capital privado (nacional e internacional) já foram evidenciados desde sua gênese.

Portanto, desde o princípio, a Rede Globo buscou implementar um padrão de qualidade técnico e imagético calcado no molde da produção audiovisual norte-americana, consagrando tal estética como o "Padrão Globo de qualidade". Conforme observamos, não bastando a subordinação a um padrão estético estrangeiro, a emissora propaga em seus enredos ficcionais mensagens ideológicas pautadas no capitalismo norte-americano. Podemos exemplificar com a forma como a pobreza é tratada nas novelas, sempre maquiada e com a possível solução do *self-made men*, onde todo pobre tem a chance de ascender socialmente, bastando que o mesmo trabalhe arduamente.

Em outras palavras, a Globo é uma empresa que se retroalimenta, pois tem braços no rádio, televisão, jornais impressos, internet, etc. Dessa forma, reproduz o que quer da maneira como quer, manipulando informações ao seu interesse e esses assuntos de interesse estão sempre em circulação, na medida em que a empresa está instalada, de alguma forma, em todos os veículos midiáticos.



Em 1998, interessada nos possíveis lucros advindos da "retomada" do cinema nacional, em grande medida decorrentes de novas políticas de incentivo, a Globo se lança no mercado cinematográfico com a fundação da Globo Filmes. Atualmente a empresa funciona da seguinte forma:

"Ao se associar a um projeto, a Globo Filmes não desembolsa recursos próprios para financiar a produção, preferindo oferecer espaço em mídia no momento do lançamento. O capital oferecido portanto, não é dinheiro, mas um "capital virtual" que só se concretiza no momento da distribuição (BUTCHER apud AUTRAN, 2010, p. 29)

A empresa não entra no projeto investindo parte do capital inicial, mas oferecendo circulação publicitária, ou seja, lucra sem correr riscos. Em função da TV Globo ser o canal com os maiores índices de audiência no país, seu carimbo nos créditos iniciais de um filme faz com que ele circule com maior facilidade nas salas de exibição, além de servir como programação para sua rede de canais após o lançamento nos cinemas. Conseqüentemente os filmes não apoiados, estão fadados a uma circulação mínima, buscando outras formas de circulação como sobrevivência, a exemplo dos festivais alternativos.

Analisando o conteúdo, seja no âmbito estético ou ideológico, da recente produção cinematográfica apoiada pela Globo Filmes, não é difícil perceber signos e significados referentes ao imaginário coletivo norte-americano em tramas brasileiras. Para maior clareza, seguem abaixo análises dos filmes: "Divã" (2009) de José Alvarenga Jr., "Segurança Nacional" (2010) de Roberto Carminati e "O Homem do Futuro" (2011) de Cláudio Torres.

Primeiramente, em termos estéticos, grosso modo, esses filmes podem ser analisados em bloco. Os três dialogam com o cinema norte-americano hegemônico, apresentando narrativas pouco reflexivas e pautadas em diálogos explicativos que orientam o espectador. Além do enquadramento em gêneros, comédia romântica, cinema de ação e ficção científica, respectivamente. Outro ponto é a decupagem constituída majoritariamente de planos fechados e na alternância entre plano e contraplano, sempre permeados por músicas que atenuam emoções.

Em "Divã", uma comédia romântica pautada na separação de uma mulher de meia idade, oriunda da classe média, a chamada "norte-americanização" se faz presente desde a primeira sequência. Nela vemos a protagonista, Mercedes, observar a vitrine de uma galeria de arte, elegantemente vestida com seu sobretudo, além disso, chove e o cenário



ao redor é extremamente cinzento. Contrastando com as altas temperaturas cariocas, seu figurino tipicamente nova-iorquino somado ao ambiente retratado, inserem-se no que parece corresponder ao esforço de atribuir ao tropical Rio de Janeiro os ares cinzentos da "Big Apple", cidade tão cara ao gênero cinematográfico em questão.

Existem outros momentos no filme onde essa "Nova Iorqueização" se faz presente. Citamos como exemplo, o casamento de Mercedes (apresentado ao espectador através do recurso *flash-back*) bem como os encontros da protagonista com os personagens Theo, no terraço de um prédio e Gustavo, em um supermercado.

No casamento retratado, as figurantes trajam chapéus típicos de cerimônias matrimoniais norte-americanas, o que pode passar despercebido ao olhar do espectador, uma vez que essas figurantes não apresentam importância narrativa. Porém, elas compõem o ambiente de fundo e proporcionam a ele características simbólicas de um casamento nada brasileiro. No encontro com Theo, rapaz mais jovem que se envolve com Mercedes, o clima está nublado e os dois vestem roupas de frio, ao fundo uma grande quantidade de arranha-céus. Novamente vemos um retrato frio e cinzento da paisagem carioca. Por fim, a cena do supermercado, onde a protagonista encontra casualmente com seu ex-marido, apresenta figurantes trajando terno e gravata, como se tal indumentária preponderasse entre os brasileiros. Porém, o ponto mais curioso dessa cena, é que ela só existe para que aconteça uma propaganda "camuflada" de uma empresa de cosméticos. Assim, os produtos aparecem um pouco desfocados, em segundo plano, preenchendo as prateleiras, enquanto os personagens conversam e se analisam mutuamente a partir dos produtos que irão consumir.

Além disso, outra "norte-americanização" marcante em "Divã" é a ideia de liberdade atrelada ao consumo, bastante evidente na cena emblemática que encerra o filme. Mercedes, após se conceder alta das sessões de análise, deixa uma loja (aparentemente luxuosa) portando várias sacolas. Nesse momento, escuta-se uma narração da personagem, afirmando que a vida pode ter graça mesmo após o casamento. Ou seja, o filme parece sugerir que o consumo pode ser uma terapia mais eficiente que a psicanálise.

Em "Segurança Nacional", a trama gira em torno da defesa da Amazônia. Porém o único problema focalizado na obra é o tráfico de drogas nas fronteiras do país. Outras questões relevantes, cuja divulgação e debate pela sociedade civil não convém ao capital, tais como as queimadas provocadas por grandes latifundiários, privatização de



recursos naturais e disputas de terras com indígenas não são sequer mencionadas na obra.

O filme almeja retratar a eficiência do SIVAM (Sistema de Vigilância da Amazônia). Na trama, o sistema em questão está provocando a revolta de traficantes latino-americanos, vilões recorrentes no cinema norte-americano. Sem conseguir articular o comércio de drogas com o Brasil, uma vez que a carga sempre termina interceptada por agentes da ABIN (Agência Brasileira de Inteligência), os traficantes decidem instalar uma bomba em plena floresta amazônica (ameaça terrorista, outra situação bastante cara ao cinema hollywoodiano) com a finalidade de persuadir o governo brasileiro a desativar o SIVAM.

Entre outros aspectos, a obra apresenta inúmeras situações estereotipadas do cinema de ação norte-americano, tais como explosões, perseguições aéreas, ameaças terroristas, tensão, história de amor para desacelerar a cadência da narrativa (além de humanizar o protagonista), sequestro da "mocinha", resgate da mesma pelo "herói" protagonista, punição dos vilões e final feliz (com direito a beijo em uma praia deserta).

Em função de seu caráter propagandista, o filme retrata o Brasil como uma potência bélica, enfatizando no retrato do brasileiro como cidadão patriota e engajado. A sequência após o término bem sucedido de uma operação antiterrorista, destaca o presidente Ernesto Dantas sendo ovacionado pela multidão, que aguarda ansiosamente, por seu discurso. Ao sair, do carro presidencial, Ernesto é recebido por um grupo de crianças que agita, alegremente, bandeirolas verde-amarelas. Ao fundo, escuta-se uma versão do hino nacional sendo cantado de forma bastante teatral e grandiloquente pela cantora Marina Elali, ex participante do extinto programa Fama (exibido pela Rede Globo). Outra curiosidade relativa ao presidente retratado é sua origem afrodescendente, sabendo que o Brasil nunca foi presidido por um negro e, em 2010, ano de lançamento do filme, Barack Obama já havia tomado posse da presidência nos Estados Unidos, estaria Carminati fazendo uma alusão direta ou inconsciente ao governante norte-americano?

Se em "Segurança Nacional" há esforço em retratar o Brasil como potência bélica, em "O Homem do Futuro" (2011) a potência nacional se dá no âmbito da ciência e suas tecnologias. O filme tem sua trama pautada na construção de uma máquina de viagens temporais no porão de uma universidade particular carioca. Dessa forma, a obra tenta transmitir uma imagem de Brasil avançado, sobretudo no campo das tecnologias e pesquisas acadêmicas. O que se pode observar é que parece haver uma vontade de



conceber ao país um retrato, no campo tecnológico, similar ao dos Estados Unidos e distante da realidade vivida pelas universidades brasileiras.

O espaço da universidade que podemos observar no filme é bastante aproximado aos moldes do *high-school* norte-americano. Além de os alunos terem armários individuais pelos corredores, acontecem bailes de formatura, impregnados de imagens e situações arquetípicas de filmes *teens* hollywoodianos. No baile retratado, Zero, protagonista, é humilhado perante todos os alunos da universidade. Ricardo, seu antagonista, contrata alunos do curso de educação física para pendurá-lo em um cabo de aço, fazendo com que este voe sujo de penas e mel pelo palco do ginásio. Além disso, todos bebem *champagne* e participam de concursos de talento, faltando apenas, a "tradicional" eleição para Rei e Rainha do Baile para que a festa universitária carioca ficasse completamente americanizada.

Outro aspecto muito caro ao tal cinema *teen* já citado, presente em "O Homem do Futuro", é o olhar raso e idealizado das relações amorosas. Zero nutre uma paixão tão forte por Helena, uma colega de classe, que anos após formado, constrói a máquina do tempo, exclusivamente, para tentar reconquistá-la.

Apresentando um final bastante previsível, Zero e Helena, agora milionários, estouram uma garrafa de *champagne* e beijam-se a bordo de uma luxuosa *limousine*, raios elétricos e efeitos especiais adornam a cena.

Em última instância, ainda que grande parte dos filmes vinculados a Globo Filmes consiga levar às salas de cinema um elevado número de espectadores, empregos e visibilidade ao cinema nacional, devemos analisar criticamente a mensagem e o conteúdo presentes nessas produções.

Conforme procuramos demonstrar, a recente onda de obras atreladas a maior empresa nacional no ramo cinematográfico está repleta de simbolismo, ideologia e padrões estéticos advindos do cinema hegemônico norte-americano, e assim acaba por homogeneizar e distorcer um retrato de realidade brasileira.

Dessa forma, esses filmes de caráter comercial, que abordam temas leves e aparentemente desprezíveis, não parece colaborar ou acrescentar elementos que possam contribuir para o debate acerca dos problemas nacionais. Acrescenta-se a isso, o fato de que devido a maior possibilidade de lucro e o suporte advindo da Globo, acabam conquistando maior espaço de exibição e incentivos estatais em relação à filmes de menor porte e lucratividade que, muitas vezes, permanecem mais sensíveis às questões



sociais. Por isso, é necessário que se pese até onde o cinema vinculado a Globo tem um "custo-benefício" positivo para o desenvolvimento da atividade cinematográfica no país.

Referências bibliográficas

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora UNB, 1998.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo: Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1992.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

MELEIRO, Alessandra, (org.). **Cinema e Mercado - Indústria Cinematográfica e Audiovisual Brasileira - Vol. III**. São Paulo: Escrituras, 2010.

RAMONET, Ignácio. **Propagandas Silenciosas: Massas, Televisão, Cinema**. São Paulo: Vozes, 2002.

RIBEIRO, Ana Paula; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **História da Televisão no Brasil: Do início aos dias de hoje**. São Paulo: Contexto, 2010.